

ANTONIN ARTAUD

© Moinhos, 2020.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Coordenação Editorial — Coleção Artaud:

Alex Galeno

Fagner Torres

Gustavo Castro

Nathan Matos

Tradução:

Olivier Dravet Xavier

Revisão:

Ana Kércia Falconeri

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Luís Otávio

Conversão para ePub:

Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior — CRB-8/9949

A785t

Artaud, Antonin

Textos surrealistas / Antonin Artaud ; traduzido por Olivier Dravet Xavier.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2020.

104 p. ;

Tradução de: Textes Surréalistes

e-ISBN: 978-65-5681-005-8

1. Literatura francesa. 2. Antonin Artaud. I. Dravet Xavier, Olivier. II. Título.

2020-951

CDD 821.133.1

CDU 840

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 821.133.1

2. Literatura francesa 840

Os textos desta edição foram traduzidos a partir dos textos publicados em:
Œuvres complètes, t. I, "Textes surréalistes", Paris: Gallimard, 1976.

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

www.editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

[Facebook.com/EditoraMoinhos](https://www.facebook.com/EditoraMoinhos)

[Twitter.com/EditoraMoinhos](https://twitter.com/EditoraMoinhos)

[Instagram.com/EditoraMoinhos](https://www.instagram.com/EditoraMoinhos)

SUMÁRIO

PAULO OS PÁSSAROS OU O LUGAR DO AMOR1 SEGUIDO DE UMA PROSA PARA O
HOMEM DO CRÂNIO DE LIMÃO

TEXTO SURREALISTA

ENQUETE

SEGURANÇA PÚBLICA A LIQUIDAÇÃO DO ÓPIO

SOBRE O SUICÍDIO

DECLARAÇÃO DO DIA 27 DE JANEIRO DE 1925

O MAU SONHADOR

À MESA

SONHO

CARTA AOS REITORES DAS UNIVERSIDADES EUROPEIAS

AO PAPA

AO DALAI-LAMA

CARTA ÀS ESCOLAS DO BUDHA

A ATIVIDADE DO GABINETE DE PESQUISAS SURREALISTAS

NOVA CARTA SOBRE MIM MESMO

POSIÇÃO DA CARNE

MANIFESTO EM LINGUAGEM CLARA

CARTA A NINGUÉM

CORRESPONDÊNCIA DA MÚMIA

EM PLENA NOITE OU O BLEFE SURREALISTA

PONTO FINAL

O DIÁLOGO EM 1928

O OSSICULO TOXICO

DOIS DOCUMENTOS INTERNOS

CARTA AOS MÉDICOS-CHEFE DOS ASILOS DE LOUCOS

DESCRIÇÃO DE UM ESTADO MENTAL

SURREALISMO AVANT LA LETTRE

PAULO OS PÁSSAROS OU O LUGAR DO AMOR¹ SEGUIDO DE UMA PROSA PARA O HOMEM DO CRÂNIO DE LIMÃO

Paolo Uccello está pensando em si mesmo, em si mesmo e no amor. O que é o amor? O que é o Espírito? O que é *Eu mesmo*?

Podemos imaginá-lo como quisermos, em pé, em frente a uma janela, a um cavalete, ou até mesmo sem aparência alguma e desprovido de todo corpo, assim como ele gostaria de ser. Sem lugar algum do espaço em que possa marcar o lugar de seu espírito.

Ele está aprofundando um problema impensável: determinar-se, como se não fosse ele mesmo que se determinasse, ver-se com os olhos de seu espírito sem que sejam os olhos de seu espírito. Conservar o benefício de seu julgamento pessoal, alienando a própria personalidade deste julgamento. Ver-se, e ignorar que é ele mesmo que se vê. Mas que esse olhar sobre si mesmo se estenda e se essencialize diante dele, como uma paisagem mensurável e sintetizada.

E, no entanto, à medida que ele o persegue, o problema se desloca. Ele é ora o recipiente, ora o conteúdo. Ele é ATUAL, quero dizer atual para nós, homens de 1924, e ele é si mesmo. Ele é Paolo Uccello, e é seu mito, e se faz PAULO OS PÁSSAROS.

(É a mesma coisa, mas tudo bem. Quero dizer que “Paolo Uccello” seria o seu nome real, histórico, aquele com o qual NÓS o chamávamos, e “Paulo os Pássaros” aquele com o qual ele se ouve chamar por nós, que somos para ele o além do tempo.)

E então ele constrói sua própria história e, pouco a pouco, se desvincula de si. As respostas se cruzam dentro dele fora do tempo. E aí dele se por um instante ele desviar os olhos de si mesmo para

saborear sua sonoridade. Ele é Paulo os Pássaros. Essa Selvaggia, será que ele a fez tal como ELES nos mostram que ela é, ou será que ela se impôs a ele? Mas aqui suas ideias se confundem. Estou na janela e estou fumando. Agora sou eu Paulo os Pássaros. A noite é bela, o céu massivo, a cada baforada desfilam ruas com vastas casas de palavras. Chifres mugem. Vestidos se abrem no céu. Toda mulher em mim se absorve. Sou glorioso. A mim o mundo. Não o mundo. Mas este pequenino ponto no espírito.

Ela está sentada e morre. Belo mito, belo intento: pintar o desvanecimento da forma, não a linha que aprisiona todas as outras, mas aquela que começa a não mais ser.

Você me ama, Selvaggia:

mas é verdade que eu não penso no amor. E, no entanto, em algum lugar há amor para mim, perto de mim. Onde é o lugar do amor?

O meu espírito é um número ardente onde as duas ideias se encontram: o amor, o espírito. E há muito tempo eu desisti de ser homem. Tornei-me o seu sacrifício, o dela. Eu vali o seu desapego. Eu, ou seja, aquele que foi outrora Paolo Uccello, que deixou que ela morresse de fome.

E, no entanto, eu vi sua morte. Donatello, Brunelleschi me assistem. Eu sei que ela vai morrer, mas sua morte só me toca no espírito, e aqui evidentemente ela não é mais a morte. Alcanço a linha impalpável.
POEMA MENTAL.

Eis: Brunelleschi briga comigo. Nós discutimos uma particularidade do real (o assunto é o desapego de Selvaggia, que acaba se deixando morrer por ele; mas a esse desapego, ela mesma não participa).

Eu: – Ela veio a mim com inconsciência. Ela ignorava o próprio desapego.

E foi sobre a inconsciência desse desapego que Paolo Uccello construiu todo um edifício de espiritualidade ilusória. Ele a coloca

acima da vida. Há desapego em algum lugar, mas não nela, já que ela o ignora. E eu, Paolo Uccello, eu também sou desapegado dela, e do meu próprio desapego. E você, você matou a vida, Paolo Uccello, você dispôs da vida.

Eu: – Eu sou o espírito. O espírito está acima da vida.

Brunelleschi: – Ah! Que morramos todos, que abulamos todos os problemas.

Que pereça também o vento vão das palavras.

Cada sopro é nada.

O espírito não está fora dos nossos peitos.

Você também é de sangue, os Pássaros.

Aqui eu fui atingido num ponto nevrálgico. Eu me recuso:

Eu: – Não estou mais ouvindo, não estou mais ouvindo.

Sou de sangue, é claro que sou de sangue. Mas eu mesmo não me vejo a essa hora. Não penso estar vivo. Sou tal como me fabricaram, e isso é tudo.

E, no entanto, é ele que se fabrica. Inclusive vocês vão ver. Ele continua:

Sim, Brunelleschi, sou eu que penso.

Neste momento você está falando em mim mesmo.

Você é como eu bem quiser.

A discussão continua... durante muito tempo, e passa de um assunto para o outro com rapidez. Chega um momento em que Paolo Uccello entra com uma grande tirada de um lirismo preparado sobre o lugar da arte no espírito. Ele a pronuncia com uma inverossímil vozinha de velha ou de abestalhado:

– Sepultura, você só esculpiu a sepultura. Você deu rosto à mentira. Você estabilizou a mentira, mentiroso, na eternidade do tempo você delimitou a mentira, e ainda mais mentiroso

por tê-lo feito principescamente.

(Trata-se de uma primeira tentativa de drama mental.)

Eu imaginei isso tudo como um drama teatral, mas que se passasse unicamente no espírito. É por isso que a realidade física dos meus personagens me preocupa. Aliás, não vão buscar longe demais a chave da peça, eu tentei operar em mim mesmo à medida que eu escrevia um trabalho mental análogo àquele que imponho aos meus personagens. Por isso a confusão aparente da peça toda. Ou melhor, eu tentei me fundir ao mito de Paolo Uccello.

Eu me confino no mito.

Eu realmente sou Paulo os Pássaros.

Meu espírito não pode mais sequer tentar o mínimo desvio à direita, à esquerda.

Eu sou tal como eu me vi.

Essa é a unidade da peça.

Estou ora na vida, ora acima da vida. Sou como um personagem de teatro que teria ele mesmo o poder de se pensar e de ser ora abstração pura e simples criação do espírito, ora inventor e animador dessa criatura do espírito. Ele teria, então, enquanto vive a faculdade de negar a própria existência e de se furtar à pressão de seu antagonista, que continuaria sendo ele mesmo, de uma ponta à outra, e de uma só vez, sempre visto sob o mesmo ângulo.

Essa é a minha superioridade sobre Brunelleschi.

Certo, mas nisso tudo, onde está o lugar do amor?

– Ele participa do desapego geral do espírito de Paolo Uccello e talvez o alimente um pouco ao viver. Ele lhe dá o impulso natal. Mais uma questão impalpável.

Mas continuemos a aprofundar o problema.

Assim, então, Brunelleschi se afirma enquanto defensor da vida.

Brunelleschi: – Eu esculpi a vida, eu, Brunelleschi.

Eu dei forma às formas da vida.

Eu realizei paisagens.

É inútil dizer-lhes que Brunelleschi está apaixonado pela mulher de Paulo os Pássaros. Ele o critica entre outras coisas por deixá-la morrer de fome. (É possível morrer de fome no espírito?)

Ao que Donatello, que também está presente, replica:

Você não conhece, Brunelleschi, a linguagem do verdadeiro amor.

A discussão se torna um imenso teatro.

E, então, caracterizemos os personagens; demo-lhes uma forma física, uma voz, um traje.

Paulo os Pássaros tem uma voz imperceptível, um jeito de inseto, um vestido grande demais para ele.

Brunelleschi, por sua vez, tem uma verdadeira voz de teatro, sonora e bem carnuda, e parece com o Dante.

Donatello está entre os dois: são Francisco de Assis antes dos estigmas.

A cena acontece em três planos.

Que² imaginemos um corte do espírito, com o ronco contraditório das coisas. O espírito se fixa arbitrariamente a um tema, a um efeito, o tema pede sua consistência e as palavras sua sonoridade. Só resta um som no espírito. E eu, eu me viro no Espírito. O tema de Paolo Uccello me trabalha, tema fugidio cujas contradições se reduzem a descer por baixo do Espírito. E, no entanto, eu sou eu mesmo. Nada perco de minha densidade. Eu e o Espírito nos medimos frente a frente. Espírito canalha. Não consigo me fixar a um tema. O tema inteiro já passou em mim. É preciso ir ao fundo de mim mesmo. Contemplo-me, a mim e ao meu tema. Falo pela boca do tema. Chamo a mim toda

a vida. O céu é belo, minha mulher é bela, chifres mugem nas ruas. Sinto o céu se fender acima de mim. Mas Paolo Uccello me chama com seu problema inconsistente. Preciso fundi-los em mim, isso é a vida, isso é a vida. A vida toda a cada instante. Tudo o que rola no Espírito, todas as dimensões, todas as qualidades, todas as correntezas. O pior e o absurdo, a impotência, o desvanecimento.

– Então [] não nos interessa.

– É claro que isso lhes interessa. Tudo o que é real nos interessa. O Tratado de Versalhes nos interessa, o Edito de Nantes ou as *Confissões de um comedor de ópio*. Entenda-o como o [] de um amaldiçoado.

Eu desmorono a cada curva, minhas bifurcações são inúmeras. Ora! E depois? A angústia cósmica da época não cabe nestes finos folhetos, mas sim a angústia mental de um homem nas lacunas de seu pensamento. Nela podemos identificar, além do mais, um tema do gênero dito literário, e, por pouco que seja, preocupações de estilo, imagens atualizadas. Eu já disse que todos os níveis, todas as qualidades se encontram nela, todas as correntezas. Ela é como um corte do espírito com as mudanças bruscas da impotência, minuciosamente registradas. *E, no entanto, o sentimento em toda parte é o mesmo.*

O que é que importa em tal tentativa?

Que os materiais transportados sejam verdadeiros.

Podemos fazer de tudo no espírito, podemos falar em todos os tons, *até naquele que não convém*. Não existe um suposto tom literário, não mais do que sujeitos que não possamos empregar. Se eu quiser eu posso falar no tom de uma conversa ordinária. Posso, desde já, renunciar ao efeito. Posso renunciar a toda e qualquer impressão. *Só uma coisa faz a arte; a palpabilidade das intenções do homem.*

É a consciência que faz a verdade.

À luz da evidência³ e da realidade do cérebro,
no ponto em que o mundo se torna sonoro e resistente em nós,
com os olhos de quem sente em si as coisas se refazerem, de quem
se prende e se fixa ao começo de uma nova realidade.

Esses estados em que a realidade mais simples, mais ordinária, não
chega a mim, em que a instante pressão da realidade cotidiana não
penetra em mim, em que eu não atinjo nem o nível necessário da
minha vida.

E que essa pressão e esse sentimento em ti saiam à luz do dia e
aconteçam com sua evidência, e sua densidade normal no mundo e
que convém ao que és num sistema e com uma quantidade que te
representa, com a *quantidade* que te representa.

Não o volume das coisas propriamente dito, mas seu sentimento e
sua ressonância em mim: ressonância na ponta da qual se encontra o
pensamento.

Deixar-se levar pelas coisas em vez de se fixar a alguns de seus
aspectos ilusórios, de buscar sem fim definições que delas só nos
mostram pequenos aspectos

mas para isso ter em si a correnteza das coisas, estar no mesmo nível
que essa correnteza, estar enfim no nível da vida em vez de aceitar que
nossas deploráveis circunstâncias mentais nos deixem perpetuamente
no meio-termo,

estar no nível dos objetos e das coisas, ter em si sua forma global e
sua definição de uma só vez

e que as localizações de tua substância pensante se movam ao
mesmo tempo que o sentimento e a visão das coisas em ti.

*

De uma vez por todas.

1º eu pareço terrivelmente preocupado em demonstrar que não penso e que tenho consciência disso, que tenho o cérebro fraco, mas eu penso em primeiro lugar que todos os homens têm o cérebro fraco – e, em seguida, que é melhor ser fraco, que é melhor estar em um estado de abdicação perpétua diante do nosso espírito. Trata-se de um estado melhor para o homem, de um estado mais normal, mais adaptado ao nosso sinistro estado de homens, a essa sinistra pretensão dos homens que é a de querer.

Tenho uma imaginação deslumbrada.

*

Há montanhas de problemas que nos cercam por todos os lados: Azar de quem pensou escapar dos problemas, azar de quem pensou poder dispensar-se de pensar.

Que século transmite, que século pode mostrar aos que a ele pertencem esse esforço desesperado de conquista que se encontra nos cumes glaciais do Espírito.

¹ N. do T. Esta é a segunda versão publicada deste texto, escrita em 1924, pouco antes da adesão de Artaud ao movimento surrealista.

² N. do T. Este é, provavelmente, o texto anunciado mais acima, *Uma prosa para o homem do crânio de limão*.

³ N. do T. Texto escrito à mão por Artaud no folheto do poema *la Vitre d'Amour* (lit. A Vidraça de Amor).

TEXTO SURREALISTA⁴

O mundo físico ainda está aí. É o parapeito do eu que observa, sobre o qual ficou um peixe de ocre vermelho, um peixe feito de ar seco, de uma coagulação de água retirada.

Mas de repente algo aconteceu.

Nasceu uma arborescência explosiva, com reflexos de frontes, limadas, e algo como um umbigo perfeito, mas vago, que tinha a cor de um sangue encharcado de água, e na frente havia uma granada que espalhava também um sangue misturado com água, que espalhava um sangue cujas linhas pendiam; e nessas linhas, círculos de seios traçados no sangue do cérebro.

Mas o ar era como um vazio aspirante no qual surgia esse busto de mulher, em meio ao tremor geral, no sacudir deste mundo vidrado, que virava estilhaços de frontes e sacudia sua vegetação de colunas, suas ninhadas de ovos, seus nós em espiras, suas montanhas mentais, seus frontões espantados. E aos frontões das colunas, por acaso, sóis estavam presos, sóis dispostos sobre jatos de ar como ovos, e minha frente empurrava essas colunas, e o ar flocoso, e os espelhos de sóis, e as espiras nascentes, na direção da linha preciosa dos seios, e o oco do umbigo, e o ventre que não era.

Mas todas as colunas perdem seus ovos, e rompendo com a linha das colunas nascem ovos em ovários, ovos em sexos revirados.

A montanha está morta, o ar está eternamente morto. Nessa ruptura decisiva de um mundo, todos os sons estão presos no gelo, o movimento está preso no gelo; e o esforço da minha frente se congelou.

Mas sob o gelo, um som assustador atravessado por casulos de fogo

envolve o silêncio do ventre nu e privado de gelo, e erguem-se sóis revirados e que se olham, luas negras, fogos terrestres, trombas de leites.

A fria agitação das colunas divide em dois o meu espírito, e eu toco meu sexo, o sexo da parte de baixo de minha alma, que se ergue como um triângulo em chamas.⁵

⁴ *N. do T.* Este texto, publicado em *la Révolution surréaliste*, nº 2, fazia parte de um conjunto de “Textos surrealistas”, de vários autores, obtidos graças ao método da escrita automática.

⁵ Este texto foi escrito sob a inspiração dos quadros do Sr. André Masson.

ENQUETE

NÓS VIVEMOS, NÓS MORREMOS. QUAL É O LUGAR DA VONTADE NISSO TUDO? PARECE QUE NOS MATAMOS COMO SONHAMOS. NÃO É UMA QUESTÃO MORAL QUE LEVANTAMOS:

*O SUICÍDIO É UMA SOLUÇÃO?*⁶

Não, o suicídio ainda é uma hipótese. Eu pretendo ter o direito de duvidar do suicídio como de todo o resto da realidade. *É preciso*, por enquanto e até segunda ordem, duvidar horrivelmente não da existência propriamente dita, coisa que está ao alcance de qualquer um, mas sim da agitação interior e da sensibilidade profunda das coisas, dos atos, da realidade. Não acredito em nada a que eu não esteja ligado pela sensibilidade de um cordão pensante e como que meteórico, e convenhamos que me faltam meteoros em ação. A existência construída e sensível de todo homem me incomoda, e decididamente eu abomino toda realidade. O suicídio não passa da conquista fabulosa e longínqua dos homens que pensam bem, mas o estado propriamente dito do suicídio é para mim incompreensível. O suicídio de um neurastênico não tem valor de representação algum, mas o estado de espírito de um homem que tenha determinado corretamente o seu suicídio, as circunstâncias materiais, e o minuto do desencadeamento maravilhoso. Ignoro o que são as coisas, ignoro todo estado humano, nada no mundo gira para mim, nada gira em mim. Sofro terrivelmente da vida. Não há estado algum que eu possa atingir. E certamente estou morto faz tempo, já estou suicidado. Ou seja, me suicidaram. Mas o que vocês achariam de um *suicídio anterior*, de um suicídio que nos fizesse voltar atrás, mas do outro lado

da existência, e não do lado da morte. Só este teria para mim algum valor. Não sinto o apetite da morte, sinto o apetite *de não ser*, de nunca ter caído nesse reduto de imbecilidades, de abdições, de renúncias e de obtusos encontros que é o eu de Antonin Artaud, bem mais fraco do que ele. O eu desse enfermo errante e que de vez em quando vem oferecer sua sombra na qual ele mesmo cuspiu, e há muito tempo, esse eu aleijado, se arrastando, esse eu virtual, impossível, e que ainda assim se encontra na realidade. Ninguém sentiu como ele sua fraqueza que é a fraqueza principal, essencial da humanidade. A de ser destruída, a de não existir.

⁶ N. do T. Resposta a uma enquete da revista *la Révolution surréaliste*, nº 2.

SEGURANÇA PÚBLICA A LIQUIDAÇÃO DO ÓPIO

Tenho a intenção não dissimulada de esgotar a questão a fim de que nos deixem em paz de uma vez por todas com os supostos perigos da droga.

Meu ponto de vista é nitidamente antissocial.

Só existe uma razão para atacar o ópio. Aquela do perigo que o seu uso pode acarretar ao conjunto da sociedade.

NO ENTANTO, ESSE PERIGO É FALSO.

Nós nascemos podres de corpo e de alma, somos congenitamente inadaptados; eliminem o ópio, e não eliminarão a necessidade do crime, os cânceres do corpo e da alma, a propensão ao desespero, a canalhice inata, a sífilis hereditária, a fragilidade dos instintos, não impedirão que haja almas destinadas ao veneno, seja qual for, veneno da morfina, veneno da leitura, veneno do isolamento, veneno do onanismo, veneno do coito repetido, veneno da fraqueza enraizada da alma, veneno do álcool, veneno do tabaco, veneno da antissociabilidade. Existem almas incuráveis e perdidas para o resto da sociedade. Eliminem-lhes um meio de alcançar a loucura, elas inventarão dez mil outros. Elas criarão métodos mais sutis, mais furiosos, métodos absolutamente desesperados. A própria natureza é antissocial de alma, só através de uma usurpação de poderes é que o corpo social organizado reage contra a inclinação *natural* da humanidade.

Deixemos que os perdidos se percam, nós temos coisas melhores com as quais ocupar o nosso tempo do que tentar uma regeneração impossível e, além do mais, inútil, ODIOSA E NOCIVA.

Enquanto ainda não tivermos conseguido eliminar uma só das

causas do desespero humano, não teremos o direito de tentar eliminar os meios pelos quais o homem tenta se desencardir do desespero.

Porque teríamos antes que conseguir eliminar esse impulso natural e escondido, essa inclinação *ilusória* do homem que o incita a encontrar um meio, que lhe dá *a ideia* de buscar um meio de deixar seus males.

Além do mais, os perdidos são por natureza perdidos, nenhuma ideia de regeneração moral mudará coisa alguma, há UM DETERMINISMO INATO, uma incurabilidade indiscutível do suicídio, do crime, da idolatria, da loucura, há uma cornudagem invencível do homem, há uma fragilidade de caráter, uma capação do espírito.

A afasia existe, a *tabes dorsalis* existe, a meningite sífilítica, o roubo, a usurpação. O inferno já está neste mundo e existem homens que são fugitivos infelizes do inferno, fugitivos destinados a recomeçar ETERNAMENTE sua fuga. E basta desse assunto.

O homem é miserável, a alma é fraca, existem homens que sempre se perderão. Pouco importam os meios da perda; A SOCIEDADE NÃO TEM NADA A VER COM ISSO.

Nós demonstramos o suficiente que ela não pode fazer nada, que está perdendo seu tempo, não é? Então que ela pare de se obstinar em enraizar-se na própria estupidez.

E, enfim, NOCIVA.

Para aqueles que ousam encarar a verdade, nós conhecemos os resultados da supressão do álcool nos Estados Unidos, não é mesmo?

Uma superprodução de loucura: a cerveja misturada com éter, o álcool revestido com cocaína que são vendidos clandestinamente, a bebedeira multiplicada, uma espécie de bebedeira generalizada. ENFIM, A LEI DO FRUTO PROIBIDO.

A mesma coisa vale para o ópio.

A proibição que multiplica a curiosidade da droga até hoje só

beneficiou aos proxenetas da medicina, do jornalismo, da literatura. Existem pessoas que construíram famas fecais e industriosas a partir de suas pretendidas indignações contra a inofensiva e ínfima seita dos amaldiçoados da droga (inofensiva porque é ínfima e porque é sempre uma exceção), essa minoria de amaldiçoados do espírito, da alma, da doença.

Ah! Como estão bem amarrados pelo cordão umbilical da moral. Desde que estavam no ventre de sua mãe, eles nunca, mas nunca pecaram, não é mesmo? Eles são apóstolos, são os descendentes dos pastores; podemos, no entanto, nos perguntar de onde vem sua indignação e, sobretudo, quanto eles lucraram para fazer o que fizeram e, em todo caso, o que ganharam com isso.

E aliás não é essa a questão.

Na realidade, esse furor contra os tóxicos, e as leis estúpidas que acarretam:

1º *É inoperante contra a necessidade do tóxico*, que, satisfeita ou insatisfeita, é inata à alma, e a induziria a produzir gestos decididamente antissociais, AINDA QUE O TÓXICO NÃO EXISTISSE.

2º *Exaspera a necessidade social do tóxico*, transformando-o em vício secreto.

3º *Prejudica a verdadeira doença*, porque é essa a verdadeira questão, o nó vital, o ponto perigoso:

INFELIZMENTE PARA A MEDICINA, A DOENÇA EXISTE.

Todas as leis, todas as restrições, todas as campanhas contra as drogas só conseguirão arrancar a todos os necessitados da dor humana, que têm direitos imprescritíveis sobre o estado social, aquilo que dissolve seus males, um alimento que para eles é mais maravilhoso do que o pão e que é o meio enfim de voltar a penetrar na vida.

Antes a peste do que a morfina, grita a medicina oficial, antes o

inferno do que a vida. Só imbecis da laia de J.-P. Liausu⁷ (que é, além de tudo, uma criatura ignorante) para pretender que seja necessário deixar os *doentes macerarem em sua doença*.

E é aqui, inclusive, que todo o pedantismo do personagem revela seu jogo e corre solto: EM NOME, DIZ ELE, DO BEM COLETIVO.

Suicidem-se, desesperados, e vocês, torturados de corpo e de alma, percam toda esperança. Não há mais alívio para vocês neste mundo. O mundo vive de suas sepulturas.

E vocês, loucos lúcidos, tabéticos, cancerosos, meningíticos crônicos, vocês são incompreendidos. Há uma parte de vocês que médico algum nunca compreenderá, e é essa parte, para mim, que os salva e torna augustos, puros, maravilhosos: vocês estão fora da vida, estão acima da vida, vocês têm males que o homem ordinário não conhece, vocês ultrapassam o nível normal e é por isso que os homens os acusam; vocês envenenam sua quietude, dissolvem sua estabilidade. Vocês têm dores irreprimíveis cuja essência é a de ser inadaptáveis a qualquer estado conhecido, inajustáveis às palavras. Dores repetidas e fugidias, dores insolúveis, dores fora do pensamento, dores que não estão nem no corpo nem na alma, *mas que vêm dos dois*. E eu, eu participo dos seus males, e pergunto a vocês: quem ousaria dosar nosso calmante? Em nome de que clareza superior, alma nossa, nós que estamos na própria raiz do conhecimento e da clareza. E isso, por causa das nossas instâncias, da nossa insistência em sofrer. Nós a quem a dor fez viajar em nossa alma à procura de um lugar calmo ao qual agarrar-se, à procura da estabilidade no mal como os outros a procuram no bem. Nós não somos loucos, somos médicos maravilhosos, conhecemos a dose da alma, da sensibilidade, da moela, do pensamento. É preciso que: deixem-nos em paz, é preciso deixar em paz os doentes, nós não pedimos nada mais aos homens, só pedimos o alívio dos nossos males. Nós avaliamos bem nossa vida,

sabemos aquilo que ela tem de restritivo perante os outros, e, sobretudo, perante nós mesmos. Sabemos a que abestalhamento consentido, a que renúncias de nós mesmos, a que paralisias da sutileza o nosso mal nos obriga todos os dias. Não nos suicidaremos por enquanto. Que nos deixem em paz até lá.

1º de janeiro de 1925

⁷ *N. do T.* Jean-Pierre Liausu, crítico de drama e de cinema e, à época, antissemita de renome, escreveu durante vários anos para a revista *Comœdia*. Hoje ele é conhecido sobretudo por ter colaborado com o regime de Vichy, durante a ocupação da França pelo Terceiro Reich.

SOBRE O SUICÍDIO⁸

Antes de me suicidar, peço que me assegurem de sê-lo, eu gostaria de ter certeza da morte. Para mim, a vida só aparece como um consentimento à lisibilidade aparente das coisas e à sua ligação no espírito. Já não me sinto como a encruzilhada irreduzível das coisas, a morte que cura, cura separando-nos da natureza, mas e se eu não passo de um aglomerado de dores no qual as coisas não entram?

Se eu me matar, não vai ser para me destruir, mas para me reconstituir, o suicídio não passará para mim de uma forma de me reconquistar violentamente, de irromper brutalmente em meu ser, de antecipar o avanço incerto de Deus. Pelo suicídio, eu reintroduzo meu desenho na natureza, dou pela primeira vez às coisas a forma de minha vontade. Livro-me do condicionamento dos meus órgãos tão mal ajustados ao meu eu, e a vida já não é mais para mim um acaso absurdo no qual eu penso o que me dão a pensar. Sou eu que escolho então meu pensamento e a direção das minhas forças, das minhas tendências, da minha realidade. Posiciono-me entre o belo e o feio, o bom e o mau. Faço de mim um ser suspenso, sem inclinação, neutro, aberto ao equilíbrio das boas e das más solicitações.

Porque a própria vida não é uma solução, a vida não tem nenhuma espécie de existência escolhida, consentida, determinada. Ela não passa de uma série de apetites e de forças adversas, de pequenas contradições que obtêm êxito ou abortam de acordo com as circunstâncias de um acaso odioso. O mal foi depositado de maneira desigual em cada homem, assim como o gênio, assim como a loucura. Tanto o bem quanto o mal são o produto das circunstâncias e de um fermento mais ou menos ativo.

Certamente é abjeto ser criado e viver e se sentir até nos mínimos redutos, até nas ramificações mais *impensadas* de seu ser irredutivelmente determinado. No final das contas nós não passamos de árvores, e está provavelmente inscrito em uma curva qualquer da árvore da minha raça que num dado dia eu me matarei.

A própria ideia da liberdade do suicídio despenca como uma árvore cortada. Eu não crio nem o tempo, nem o lugar, nem as circunstâncias do meu suicídio. Deste não invento nem o pensamento, será que sentirei seu arrancamento?

Talvez no instante do suicídio meu ser se dissolva, mas se ele ficar inteiro, como reagirão então os meus órgãos arruinados, com que impossíveis órgãos eu registrarei o seu rasgo?

Sinto a morte sobre mim como uma torrente, como o salto instantâneo de um raio cuja capacidade eu não consigo imaginar. Sinto a morte carregada de deleites, de dédalos redemoinhos. Onde está lá dentro o pensamento do meu ser?

Mas eis Deus de repente como um punho, como uma foice de luz cortante. Eu me separei voluntariamente da vida, eu quis voltar atrás no meu destino!

Ele dispôs de mim até o absurdo, esse Deus; me manteve vivo em um vazio de negações, de reneгаções implacáveis de mim mesmo, destruiu em mim até os mínimos impulsos da vida pensante, da vida sentida. Ele me reduziu a um autômato que funciona, mas um autômato que sentiria a ruptura de sua inconsciência.

E eis que eu quis comprovar minha vida, eu quis me juntar à realidade ressonante das coisas, eu quis romper minha fatalidade.

E esse Deus, o que diz ele?

Eu não sentia a vida, a circulação de qualquer ideia moral era para mim como um rio seco. A vida não era para mim um objeto, uma forma; ela havia se tornado uma série de raciocínios. Mas de

raciocínios que giravam no vazio, raciocínios que não giravam, que estavam em mim como “padrões” possíveis que minha vontade não conseguia fixar.

Até mesmo para atingir o estado do suicídio, eu preciso esperar a volta do meu eu, preciso do livre jogo de todas as articulações do meu ser. Deus me colocou no desespero como em uma constelação de becos sem saída cuja radiação resulta em mim. Eu não posso nem morrer, nem viver, nem deixar de desejar a morte ou a vida. E todos os homens são como eu.

⁸ N. do T. Resposta a uma enquete da revista *le Disque vert*, ano 3, nº 1, cujo título era “Sobre o suicídio”. Este texto foi escrito depois do texto publicado em *la Révolution surréaliste*, nº 2, que trata do mesmo tema.

DECLARAÇÃO DO DIA 27 DE JANEIRO DE 1925⁹

No que diz respeito a uma falsa interpretação da nossa tentativa estupidamente difundida entre o público,

Insistimos em declarar o que segue a toda a monótona crítica literária, teatral, filosófica, exegetica e até teológica contemporânea:

1º Nós não temos nada a ver com a literatura,

Mas somos muito bem capazes, se preciso, de servir-nos dela assim como todo o mundo.

2º O SURREALISMO não é um meio de expressão novo ou mais fácil, nem mesmo uma metafísica da poesia;

Ele é um meio de libertação total do espírito

e de tudo aquilo que se parece com ele.

3º Nós realmente estamos decididos em fazer uma Revolução.

4º Nós só juntamos a palavra SURREALISMO à palavra REVOLUÇÃO para mostrar o caráter desinteressado, desapegado, e até completamente desesperado dessa revolução.

5º Nós não pretendemos mudar nada dos costumes dos homens, mas realmente temos a intenção de demonstrar a fragilidade de seus pensamentos e os alicerces móveis, os porões sobre os quais eles fixaram suas casas trêmulas.

6º Nós lançamos à Sociedade esta advertência solene:

Que ela tome cuidado com seus desvios, a cada passo em falso de seu espírito, nós estaremos de olho.

7º Em cada uma das reviravoltas do seu pensamento, a Sociedade nos encontrará.

8º Nós somos especialistas da Revolta.